

## A EVOLUÇÃO DO VALOR ADICIONADO DOMÉSTICO NAS PRINCIPAIS REGIÕES DO MUNDO

**Marcelo José Braga Nonnenberg**

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

**Flavio Lyrio Carneiro**

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Dinte do Ipea.

A fragmentação da produção e a formação de cadeias globais de valor (CGVs) estão, sem dúvida, entre os principais temas de comércio internacional dos últimos anos, e vêm tendo profundo impacto não apenas na forma de organização da produção e na estrutura do comércio internacional, mas também na maneira com que são produzidas e analisadas as estatísticas comerciais, hoje insuficientes para captar de maneira fidedigna estes processos. Idealmente, para mensurar este processo seria necessário, primeiro, conhecer as firmas que fazem parte das cadeias para cada setor e, em segundo lugar, conhecer os fluxos de comércio (doméstico e internacional) entre essas empresas, definidos por setores industriais. Em terceiro lugar, seria preciso conhecer as matrizes de insumo-produto de cada cadeia.

Obviamente, tal nível de conhecimento provavelmente jamais será atingido. Uma das principais inovações na busca por metodologias que reflitam adequadamente o cenário atual é a elaboração de estatísticas baseadas no conceito *de comércio em valor agregado* (*trade in value-added – TIVA*), que busca identificar a contribuição de cada país e setor para o valor adicionado total embutido em um fluxo comercial.

A mais renomada iniciativa neste sentido é o projeto TIVA, capitaneado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cujo objetivo é construir indicadores de comércio em valor agregado a partir da elaboração de uma matriz insumo-produto mundial. Entretanto, ainda que represente um passo enorme e decisivo para o melhor conhecimento das CGVs, o TIVA tem, obviamente, várias limitações importantes. A primeira delas é a cobertura temporal. Como a produção da base de dados implica a construção de uma matriz internacional de insumo-produto, e este

processo é extremamente custoso e difícil de se obter em os dados, no momento os anos disponíveis são 1995, 2000, 2005, 2008 e 2009. A segunda limitação refere-se aos países e setores. Estão contemplados atualmente 57 economias e 37 setores. Parece ser objetivo da OMC e da OCDE ampliar a base geográfica e incorporar outras dimensões ao projeto, por exemplo, a quantificação dos empregos gerados. Contudo, em razão das limitações para a construção da matriz internacional de insumo-produto, dificilmente o número de setores será ampliado em um horizonte próximo.

Para mitigar em parte essas limitações, é proposta neste trabalho uma outra metodologia que permite quantificar parcialmente o fenômeno das cadeias globais de valor. Embora padeça, como não poderia deixar de ser, de algumas limitações, a metodologia aqui proposta possui algumas vantagens – entre elas, a facilidade de construção do indicador, que parte apenas de dados de comércio, disponíveis para um grande horizonte temporal e com ampla cobertura geográfica, além de consideravelmente mais desagregado.

Neste estudo, o indicador foi utilizado para analisar a evolução do conteúdo doméstico embutido nas exportações de um conjunto de produtos de média e alta tecnologia para três grupos de países em desenvolvimento – sete asiáticos, cinco europeus e dez da América Latina –, além de três países desenvolvidos, para o período 1992-2013.

A partir da análise, foi possível extrair uma série de conjecturas a respeito da evolução da agregação doméstica de valor nas exportações dos países selecionados. No que tange aos países asiáticos da amostra, constatou-se, em alguns dos capítulos analisados, uma trajetória ascendente, em que a maior parte dos países apresentou indicadores crescentes ao longo dos anos analisados.

Quanto aos países em desenvolvimento da Europa, os indicadores sugerem um avanço no sentido de aumentar a agregação interna de valor em um conjunto de capítulos da classificação padrão internacional de comércio (*Standard International Trade Classification – SITC – 72, 74, 75, 76, 78 e 87*). Em que pese a diversidade de setores aí compreendidos, este resultado parece corroborar a hipótese de que a integração com os principais países da região, ao aumentar as possibilidades de participação em processos produtivos fragmentados, vem abrindo oportunidades de aumento da capacidade produtiva nesses países, o que pode ter impactado de maneira benéfica suas economias.

Já para os países da América Latina analisados, o desempenho é claramente desfavorável *vis-à-vis* as duas outras regiões já analisadas. O México foi o principal destaque, obtendo indicadores consistentemente positivos na maioria dos capítulos. Além disso, merece ser ressaltada a trajetória descendente exibida pelos indicadores brasileiros em alguns capítulos, nos últimos anos. Uma das possíveis razões para o declínio do índice pode ser uma elevação do dinamismo do mercado interno; contudo, essa explicação é pouco plausível, a julgar pelas modestas taxas de crescimento que o país vem exibindo nos últimos anos. Tomados em seu conjunto, os resultados sugerem, com poucas exceções, preocupação com as perspectivas da evolução da capacidade industrial destes países.

## SUMÁRIO EXECUTIVO